

ESCOLHAS ESCOLARES E OPÇÕES PROFISSIONAIS - ENTRE A FAMÍLIA A ESCOLA E OS AMIGOS, QUE PAPEL DESEMPENHAM OS MEDIA?

M. Benedita Portugal e Melo¹

Resumo

Neste artigo, analisaremos em que medida podem os *media* influenciar o processo de escolhas escolares e profissionais dos estudantes portugueses que frequentam o ensino secundário. Começamos por sistematizar os contributos de teorias científicas e resultados de pesquisas que chamam a atenção para variáveis que condicionam os efeitos dos *media* na vida dos indivíduos. Seguidamente, a partir de uma amostra de 1793 inquiridos por questionário aplicados a alunos do 10º e o 12º ano de seis escolas secundárias, de 24 entrevistas realizadas a esses mesmos alunos e de 6 entrevistas efectuadas a psicólogos/orientadores vocacionais daquelas escolas, comparamos a influência da família, da escola, do grupo de pares e dos *media* na escolha dos cursos e das futuras actividades profissionais dos estudantes inquiridos. Concluimos que a influência dos *media* é mediada e amenizada por outras redes informativas de apoio a que os estudantes recorrem, nomeadamente pela família e muito concretamente pela mãe, pelo grupo de pares e pelos professores e/ou orientadores escolares. Os *media* desempenham essencialmente o papel de fontes (in)formativas *complementares* e a sua influência faz-se sentir sobretudo ao nível da *consolidação* ou *reorientação* de interesses e projectos de vida *pré-construídos*. Ainda assim, para (re)definirem os seus processos de escolha escolares e profissionais, os jovens recorrem muito mais à internet do que aos jornais e à televisão, parecendo considerar este último meio como um «entretenimento menor».

Palavras-chave: escolhas escolares e profissionais; media; televisão; internet

Introdução

No dia 20 de Setembro de 2010, o *Diário de Notícias* (um dos jornais de referência da imprensa diária portuguesa) publicava uma notícia intitulada **Cursos na moda inspirados na TV**, onde se lia: “A investigação científica, de crime e

¹ Professora Auxiliar do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa

farmacêutica, está na moda. Os estudantes portugueses procuram cada vez mais cursos como Criminologia e Ciências Bioanalíticas. Muitas das escolhas são influenciadas por séries televisivas ao estilo CSI, admitem os alunos e os responsáveis das faculdades. Cada vez mais populares são também as licenciaturas de Arqueologia e Design de Moda, graças à popularidade de concursos como o Project Runway. (...) Os 40 alunos que começam este ano [Design de Moda na Universidade da Beira Interior] trazem o sonho de serem estilistas famosos e alguns reconhecem a influência de concursos televisivos como Project Runway na sua escolha'.

Tal como outros relatos noticiosos, esta peça dá conta da influência dos *media* na vida social moderna, ao salientar o seu papel nas escolhas escolares e profissionais dos estudantes portugueses. Após a sua divulgação, muitos leitores deste diário terão, inclusivamente, pensado que se confirmavam as suas suspeitas a respeito do poder dos *media*. No entanto, do ponto de vista científico, não existe consenso sobre a natureza e o alcance dos efeitos dos meios de comunicação social. Reconhecendo o seu poder persuasivo e simbólico, muitas investigações têm chamado a atenção para o facto de a integração de produtos culturais ser um complexo processo social, que envolve uma actividade contínua de interpretação e de assimilação para a qual interferem diversas variáveis que filtram a sua influência.

Neste artigo, iremos centrarmo-nos na problemática das escolhas escolares e profissionais dos estudantes portugueses que frequentam o ensino secundário, com o objectivo de compreendermos se, de facto, os *media* têm alguma forte interferência neste processo. Tendo em conta perspectivas que salientam que os referenciais interpretativos dos receptores e os processos de apropriação dos bens culturais em contextos sociais diversos dependem de factores como a família, a escola e o grupo de pares, iremos comparar o papel que essas agências de socialização desempenham nas opções académicas e profissionais dos alunos.

Começaremos por sistematizar os contributos de teorias científicas e resultados de pesquisas que chamam a atenção para variáveis que condicionam os efeitos dos *media* na vida dos indivíduos. Seguidamente, a partir de resultados de 1793 inquéritos por questionário aplicados em 2009 a alunos que frequentavam o 10º e o 12º ano em seis escolas portuguesas, de 24 entrevistas semi-directivas realizadas a esses mesmos alunos e de 6 entrevistas semi-directivas a psicólogos/orientadores vocacionais daquelas escolas, em 2010², analisaremos, de modo comparativo, a influência da família, da escola, do grupo de pares e dos *media* na escolha dos cursos e das futuras actividades profissionais dos estudantes inquiridos.

O uso de uma metodologia mista pareceu-nos ser a melhor forma de contornar os habituais problemas que se colocam à apreensão dos efeitos dos *media* no discurso dos actores sociais. Com efeito, se, por um lado, como um dos pioneiros dos estudos sociológicos da Comunicação - Lazarsfeld (1944; 1955) - demonstrou, o inquérito por questionário não constitui a técnica mais adequada para se obterem representações sobre a influência dos *media* - sendo de privilegiar as metodologias qualitativas, nomeadamente as entrevistas de grupo - por outro, algumas pesquisas realizadas com base em entrevistas salientam as suas limitações e aconselham que se utilize também o questionário (Ricciardelli, McCabe & Banfield, 2000, p. 195).

1. Equacionando o poder dos *media*: das «evidências» aos resultados das pesquisas empíricas

1.1. A presença incontornável dos *media* nas sociedades ocidentais europeias, permite-nos constatar que os estilos de vida tendem a ser cada vez mais marcados pela interacção entre a dimensão local, onde certos valores e modos de vida ainda têm algum significado, e a dimensão global, onde esses valores e tradições se encontram diluídos. A homogeneização de alguns comportamentos de

² Esta recolha de dados foi efectuada no âmbito do Projecto de Investigação intitulado *O Futuro em aberto? Incertezas e riscos nas escolhas escolares* (proj. nº PTDC/CED/ 67590/2006), financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior). Este Projecto teve a duração de 3 anos e foi coordenado por Maria Manuel Vieira.

consumo e a massificação de determinados valores capitalistas parecem ser, por isso, algumas das consequências «evidentes» da acção dos *media*. Para além disso, como muitos fenómenos sociais que se situam fora da esfera de acção imediata dos indivíduos só são conhecidos por seu intermédio, não parece haver dúvida de que os *media* possuem o poder de informar e de aproximar os indivíduos. Os *media* possuem, portanto, o poder de tornar compreensíveis «realidades problemáticas», funcionando como «pontes» para a maioria da população (Schmidt, 1999, p. 113). Não surpreende, por isso, que a maioria dos investigadores considere que os meios de comunicação têm um efeito decisivo na concepção que os indivíduos formam da realidade (Noelle-Neuman, 2002).

O reconhecimento de que os *media* influenciam decisivamente os "processos pelos quais qualquer corpo de conhecimentos chega a ser estabelecido como realidade", como o defendiam Berger e Luckmann (1966), foi assumido pelo paradigma do *agenda-setting* (McCombs e Shaw, 1972). As conclusões dos autores do *agenda-setting* salientam claramente os efeitos cognitivos que os *media* exercem nos actores sociais. Estes efeitos prendem-se com os mecanismos de formação e funcionamento da opinião pública e determinam o modo como a opinião pública percebe, organiza o seu conhecimento sobre o mundo e orienta a sua atenção para determinados assuntos, ou seja, reflectem a capacidade de os *media* estabelecerem uma agenda pública (Saperas, 1993, p.12). O pressuposto fundamental do *agenda-setting* é o de que a compreensão que os actores sociais têm de grande parte da realidade social lhes é fornecida, por empréstimo, pelos *media* (Wolf, 1986. p.128).

As novas investigações que "herdaram o *agenda-setting*" (Coliing, 2001, p. 94) e analisam agora as questões relativas ao *enquadramento* (ou *framing*) das notícias, vão mais longe, ao sugerir que os *media* têm o poder de nos dizer *sobre* que assuntos devemos pensar e *como* devemos pensar sobre esses mesmos assuntos,

devido ao *enquadramento* que os jornalistas realizam sobre os acontecimentos noticiados³.

Todavia, se algumas pesquisas têm acentuado que os *media* exercem efeitos significativos no estabelecimento da agenda dos receptores e na sua assimilação do *enquadramento* dominante (Traquina, 1995; Melo, 2009), outras investigações têm vindo a relativizar o poder dos meios de comunicação a estes níveis (Colling, 2001). Os próprios McCombs e Shaw (autores do *agenda-setting*) verificaram que a influência do agendamento sobre o receptor dependia de vários factores: o seu grau de exposição a que estava exposto aos *media*; o tipo de *media* a que recorria; o grau de relevância e de interesse que atribuía ao tema, o grau de incerteza relativamente ao domínio do mesmo e os diferentes níveis de comunicação interpessoal que desenvolvia (Colling, 2001, p. 93).

Já na década de 1940, Lazarsfeld (1944; 1955), na sua teoria das duas etapas de comunicação (*two-step-flow of communication*), chamava a atenção para a importância da *comunicação interpessoal* e dos *líderes de opinião* na análise dos efeitos provocados pelos *media*. Defendia, assim, que os efeitos dos meios de comunicação eram limitados, porque o fluxo da comunicação mediática se desenrolava nessas duas etapas: na primeira, encontram-se indivíduos que seguem atentamente os *media* e, por isso, estão bem informados; na segunda, situam-se indivíduos menos expostos aos *media* e que dependem dos outros para estarem informados. De acordo com esta perspectiva, são os líderes de opinião que transmitem as novas ideias e valores ao seu grupo de pares e são quem desempenha o papel mais importante na formação da opinião pública.

Portanto, se é verdade que os *media* detêm um importante papel no quadro cognitivo dos actores sociais, fazendo-se sentir no plano das intenções, conhecimentos, crenças ou opiniões, isto é, das representações mentais que monitorizam actividades concretas dos actores sociais (van Dijk, 2005, p.75), e se

³ O *enquadramento* de uma determinada notícia é o que determinará aquilo que irá ser entendido pelos receptores, o que por eles será recordado e o que por eles será valorizado (Colling, 2001, p. 95).

também poderão contribuir para que os actores sociais incorporem novos valores (van Dijk, 2005, p.83), a sua influência depende sempre de um conjunto diversificado de factores.

Klapper (1960) verificou, por exemplo, que existe uma tendência para os actores sociais interpretarem e convocarem a informação mediatizada que, de algum modo, seja congruente com as suas crenças e valores. van Dijk também concluiu que a interferência dos *media* só é particularmente efectiva quando o seu relato é consistente com os interesses da maioria dos leitores (2005, p.82). Afirma, assim, que "o controlo da mente pelos *media*" far-se-á sobretudo sentir quando os seus utilizadores não se apercebem da natureza nem das implicações desse controlo e quando «mudam as suas mentes» de forma voluntária (van Dijk, 2005, p.75).

Estes investigadores têm vindo a corroborar os resultados das pesquisas desenvolvidas por Stuart Hall (1980) e David Morley (1977-78 e 1980) nas análises que estes desenvolveram sobre o modo como as audiências descodificavam e (re)interpretavam de forma diferenciada as mensagens difundidas pelos *media*. Nas décadas de 1980 e 1990, contributos de autores como Barthes, Eco, Katz, Liebes, Dayan, de Certeau e Fiske, também salientaram o estatuto de autonomia - embora de interacção - dos receptores com emissores, conteúdos, tecnologias e universos simbólicos (Abrantes & Dayan, 2006).

Por sua vez, os investigadores que se têm dedicado aos efeitos provocados pela difusão mediatizada do conhecimento científico têm igualmente vindo a reconhecer que o "público leigo" é constituído por receptores activos que atribuem distintos sentidos às mensagens que lhes são dirigidas. Por isso mesmo, defendem que a divulgação científica é um processo "de negociação do significado" que decorre a vários níveis, em diversos momentos e que envolve indivíduos diferentes, oriundos de uma grande variedade de contextos sociais e culturais (Felt, 2000, p.267-268).

De facto, a ideia simples de que bastaria "educar para a ciência", através da divulgação mediatizada de informação científica, para diminuir a distância entre o sistema científico e os diferentes públicos, promover a confiança nos conhecimentos científicos e reforçar a posição especializada dos cientistas, protegendo-os dos outros tipos de produção do conhecimento cultural (Felt, 2000, p.266-269), tem vindo a ser contrariada por pesquisas que salientam que a prática da recepção é uma actividade complexa, selectiva e crítica, na qual interferem as crenças e os valores dos indivíduos, bem como as suas experiências prévias, as suas expectativas, os seus interesses e representações sobre a ciência.

Alguns estudos realizados provam justamente que: a) a avaliação realizada pelos leigos sobre as provas científicas tem de ser sempre entendida no contexto das suas identidades sociais, experiências prévias, sistemas de conhecimento popular e interesses em jogo; b) não existe uma correlação directa entre a difusão de uma certa quantidade de informação sobre ciência e a integração deste conhecimento no sistema pessoal de crenças e nas acções empreendidas pelos leigos (Felt, 2000, p.270).

Outros trabalhos evidenciaram ainda que a confiança e a credibilidade que os actores sociais depositam nos cientistas e na informação que recebem são elementos bastante relevantes para os públicos integrarem os conhecimentos científicos nos seus sistemas de valores (Felt, 2000, p.284).

1.2. A influência mitigada dos *media* nas crianças e jovens

Se os *media* (em particular a televisão) desempenham um importante papel nos hábitos culturais da população portuguesa adulta (Pais, 1989; Pais (coord) 1994; Lopes, 2000; Fernandes, 2001; Cardoso *et al*, 2005), a sua presença é ainda mais forte no quotidiano das crianças e jovens portugueses e de outros países europeus (Seixas, 1997; Pinto, 2000; Roberts, 2000; Roe, 2000; Cardoso, *et al*, 2005; Cardoso *et al*, 2007, Ponte *et al*, 2008; Almeida *et al*, 2008).

Ora, esta constatação pode ser responsável pela crença generalizada de que existe uma relação *directa e linear* entre as mensagens mediáticas e os comportamentos dos mais novos. O facto de alguns actos de violência parecerem copiados ou estimulados pela sua descrição nos *media* (McQuail, 2003) e, para além disso, muitas crianças reproduzirem no seu quotidiano valores e atitudes fortemente difundidas em programas televisivos infanto-juvenis de grande audiência (como o que sucede com a série portuguesa *Morangos com Açúcar*) ajuda a reforçar esta ideia.

Compreende-se, deste modo, que as pesquisas na área da comunicação não se tenham limitado a analisar os efeitos cognitivos dos *media*. A influência que estes poderão ter nas atitudes das crianças e jovens tem sido, igualmente, objecto de estudo de pesquisas que procuram perceber, por exemplo, se existe uma relação causal entre estímulos mediáticos violentos e respostas agressivas (Buckingham, 2002) ou entre conteúdos publicitários e comportamentos de consumo (Moore et al, 1975; Moschis, et al, 1978).

No caso português, as investigações que têm procurado compreender os efeitos das imagens violentas no desenvolvimento de comportamentos violentos, concluíram que "não se verifica uma relação estatisticamente significativa entre a exposição a conteúdos violentos e comportamentos violentos" e que a associação entre estas duas variáveis "tende a ser mediada por factores como uma maior ou menor familiarização ou tolerância familiar, profissional ou social à violência" (Ferreira; Nogueira e Pauleta, 2002, p. 335-336).

Por sua vez, estudos recentes que analisaram a influência dos *media* nas preocupações dos adolescentes com o corpo e a imagem (Ricciardelli, McCabe & Banfield, 2000), demonstraram também que os seus efeitos não são inequívocos nem generalizados, sendo mediados por factores como a família e o grupo de pares. Se várias investigações mostraram que os *media* difundem um ideal de beleza associado à magreza que se repercute no cuidado que muitas adolescentes têm com

a forma e peso do seu corpo (Heinburg, et al, 1999), outras salientaram que esta influência dos *media* parece ser bastante reforçada pelos valores que a família - concretamente as mães - e os pares difundem a este respeito (Ricciardelli, McCabe & Banfield, 2000).

Mais concretamente, quando compararam a importância da família, de irmãos, pares e *media* nas representações que adolescentes do sexo masculino constroem sobre o seu corpo e os comportamentos alimentares e desportivos que desenvolvem, Ricciardelli, McCabe & Banfield, verificaram que a mãe, o pai, os amigos (do mesmo sexo e do sexo oposto) e os irmãos (do mesmo sexo e do sexo oposto) têm um peso maior que os *media*. Estes são, inclusivamente, os meios que os jovens referem como sendo os que exercem uma menor influência nos seus valores e atitudes (2000, p.192-193).

Em suma, de acordo com as investigações referenciadas, quer as experiências prévias dos indivíduos, as suas expectativas, interesses, representações, crenças e valores, bem como a confiança e a credibilidade que depositam na informação que recebem, por um lado, quer a família, a escola e o grupo de pares, por outro, interferem no processo de recepção, reinterpretação e integração das mensagens mediáticas. Como Pinto sistematiza, a diversidade de resultados obtidos nos estudos que analisam os efeitos dos *media* demonstra, essencialmente, que os efeitos são "indirectos, a longo prazo e dependentes de muitas «variáveis intervenientes»", respeitando estas aos contextos sociais e culturais da televisão, das audiências e da interacção televisão -audiências". No caso no comportamento das crianças, "especial atenção deve merecer o papel mediador da família, de outros adultos significativos, da escola e dos pares" (2000, p.140).

Parece-nos, por isso, fundamental analisar em que medida a família, o grupo de pares e a escola funcionam como agentes *mediadores* dos *media* no processo de configuração da vida escolar e perspectivação do futuro profissional dos estudantes.

2. Os efeitos limitados dos *media* nas escolhas escolares dos estudantes

- apresentação de resultados exploratórios

Partimos da ideia de que as representações difundidas pelas notícias dos jornais e revistas e transmitidas nos programas televisivos e/ou «chats» da internet - incorporadas pelos actores sociais sob a forma de normas, valores, modelos e ideais (Lahire, 2005) -, poderão condicionar a construção dos «campos de possíveis» a nível escolar e profissional dos jovens. Pensamos, no entanto, que a influência dos *media* é, em regra, *mediada e filtrada* pela ascendência que a família, os professores e os grupos de pares possuem no processo de formação de representações, atitudes e crenças dos estudantes. Pressupomos, assim, que a influência dos *media* será tanto mais relevante quanto menos os jovens dispuserem das orientações, apoio e informações das suas famílias, professores e grupos de pares.

Os resultados quantitativos da nossa pesquisa permitem-nos perceber, em primeiro lugar, quais são as fontes de informação mais utilizadas pelos jovens para definirem as suas escolhas escolares - **Quadro 1**.

Quadro 1 - Fontes de informação utilizadas pelos alunos (resposta múltipla)

Fontes de informação	N	(%)
Mãe	981	55,3
Amigos	973	54,8
Professores	969	54,6
Psicólogos/Orientadores vocacionais	962	54,3
Internet	822	46,3
Pai	816	46,0
Outros familiares	503	28,4
Irmãos	395	22,3
TV	281	15,8
Revistas	171	9,6
Jornais	164	9,2

Fonte: Inquérito aos alunos 2009 - ICS

Não surpreende que a mãe constitua a fonte de informação a que os jovens inquiridos mais recorrem para definir as suas escolhas escolares, uma vez que as pesquisas que têm analisado a relação das famílias com a escola salientam justamente o papel fundamental da acção educativa das mães na escolaridade dos filhos (Reay, 1998; Chris, 1998; Silva, 2003; Petrie & Holloway, 2006; Diogo, 2008).

A seguir à mãe, os amigos são a fonte de informação mais utilizada; os professores, os orientadores escolares e a internet ocupam, por sua vez, o 3º, 4º e 5º lugar. Só depois são mencionados o pai, os outros familiares e os irmãos. As fontes de informação menos declaradas pelos jovens para equacionarem os seus percursos escolares e profissionais são os *media* tradicionais: TV, revistas e jornais, respectivamente.

Contrariamente ao que se poderia supor, como vimos, à excepção da mãe, os membros familiares não constituem fontes a que os estudantes recorrem em lugar de destaque, já que amigos, professores, orientadores vocacionais/psicólogos e a internet são mais referenciados do que o pai, outros familiares e irmãos.

Aparentemente, a mãe, os amigos, os adultos que habitam a escola e a internet são as fontes de informação mais relevantes para os estudantes construírem determinadas representações sobre o seu futuro profissional, ficarem a conhecer diversas hipóteses de saídas profissionais e obterem informações sobre médias e condições de ingresso nas diferentes escolas secundárias e universidades.

Se compararmos o número de inquiridos que responderam ter recorrido a professores e a orientadores vocacionais/psicólogos com o número dos que assinalaram ter recorrido à mãe, ao pai, aos outros familiares e/ou aos irmãos, «o mundo escolar» surge como a fonte de informação mais utilizada por todos os inquiridos (**ver Quadro 2**). Significará isto que a escola desempenha um papel fundamental de promoção de quadros de referência *em alternativa* à família?

Quadro 2 - Fontes de informação que os estudantes utilizaram, agregadas por categorias

Fontes de informação	N	(%)
«Mundo escolar» (professores e psicólogos/orientadores vocacionais)	1309	73,0
Família (mãe, pai, outros familiares e/ou irmãos)	1206	67,9
Amigos	973	54,8
Internet	822	46,3
Media tradicionais (televisão, revistas e/ou os jornais)	386	21,5

Fonte: Inquérito aos alunos 2009 - ICS

O agrupamento das fontes de informação por categorias indica-nos, para além disso, que a internet e os *media* tradicionais, comparativamente com os diversos membros familiares, os professores e/ou os orientadores profissionais e os amigos - são os meios menos utilizados pelos jovens. A importância da *comunicação interpessoal* (salientada por Lazarsfeld) relativamente aos *media* continua, aparentemente actual e parece, assim, confirmada.

Mas poderemos considerar que o grau de utilização das fontes é equivalente à *importância* que elas desempenham no processo de estruturação das opções académicas e profissionais dos jovens?

O **Quadro 3** mostra-nos que não. Com efeito, a sua análise permite-nos perceber que muitos alunos socorreram-se de vários meios informativos para obterem informações que os auxiliassem a elaborar as suas escolhas escolares, mas apenas alguns terão sido realmente importantes para os jovens tomarem as suas decisões finais.

A ideia de que a mãe desempenha um papel essencial no processo de estruturação da escolarização dos filhos é confirmada, já que é a fonte de informação considerada como a mais importante pelos inquiridos: dos 55,3% que utilizaram a mãe como fonte de informação, 40% afirmaram que foi importante ou

muito importante sendo apenas de 14,3% os que apresentaram uma opinião contrária.

Por sua vez, o pai, a quem os estudantes recorreram menos que aos amigos ou à internet por exemplo, revela-se, afinal, uma fonte muito importante para a maioria dos que a utilizaram. De facto, a seguir à mãe, e com os mesmos valores que os psicólogos/orientadores escolares, o papel de orientadores/informadores dos pais terá sido bastante relevante para 34% dos estudantes. É inclusivamente mais elevado o número dos que entendem que os psicólogos/orientadores escolares não foram nada ou foram pouco importantes (18%) do que aqueles que pensam o mesmo relativamente aos pais (10%).

Já os professores parecem ter uma importância mais relativa para muitos alunos. Tendo sido mais usados como fontes de informação do que os pais e os psicólogos/orientadores vocacionais, terão sido importantes/muito importantes para cerca de 30% dos alunos e pouco ou nada importantes para cerca de 22%.

Assim, apesar de as fontes adultas do mundo escolar serem mais utilizadas pelos alunos, poderemos concluir que as que respeitam ao mundo familiar exercem um papel significativamente mais importante. Tudo parece indicar que a família exerce uma maior influência que os psicólogos/orientadores profissionais e os professores nas opções escolares e familiares dos estudantes.

Os amigos - fonte de informação para quase 55% dos inquiridos - também terão tido uma importância bastante variável: se para 28,8% dos inquiridos foram importantes ou muito importantes, para 23,1% acabaram por se revelar nada ou pouco relevantes.

Também a internet apresenta uma diferença de opiniões idêntica. Dos 46,3% de jovens que a utilizaram, 23,1% entende que a sua acção foi bastante importante, ao passo que 21,5 afirmaram que foi reduzida.

Muito próximos dos outros familiares (considerados importantes por 17% dos alunos), os irmãos foram considerados importantes para 16% dos inquiridos.

Todavia, se atentarmos nos valores que lhes atribuem pouca importância, a acção dos irmãos poderá ser considerada como mais relevante: enquanto esta só foi classificada como pouco ou nada importante por 5,5% dos inquiridos, 10,2% consideraram assim os outros familiares.

Por fim, comparativamente com estas fontes, a televisão as revistas e os jornais parecem ser os meios com menor relevância para as decisões escolares e profissionais dos inquiridos.

Quadro 3 - Grau de importância atribuída pelos alunos às fontes de informação utilizadas (%)

Grau Importância	Revistas	TV	Jornais	Internet	Prof.	Psic/ Orient Vocac.	Pai	Mãe	Irmãos	Outros Famili.	Amigos
Não é nada importante/ É pouco importante	7,0	11	6,4	21,5	22,3	18	10	12	5,5	10,2	23,1
Não é nem pouco nem muito importante	0,3	0,8	0,3	1,7	2,3	2,3	2,0	2,3	0,8	1,3	2,9
É importante/ Muito importante	2,3	4	2,5	23,1	30,1	34	34	40	16,0	17,0	28,8
TOTAL	9,6	15,8	9,2	46,3	54,6	54,3	46,0	55,3	22,3	28,4	54,8

Fonte: Inquérito aos alunos 2009 - ICS

Mais do que negarem a influência dos *media*, o que estes dados evidenciam, portanto, é a enorme importância que a família - mãe, pai, irmãos e outros familiares - possui na formação do universo de campos de possíveis a nível escolar e profissional destes inquiridos.

As pesquisas na área da sociologia da educação que têm analisado a relação das famílias com a escola evidenciam justamente o envolvimento crescente das famílias no processo de escolarização dos seus descendentes (Terrail, 1990; Charlot et al, 1996; Viana, 1996; Lahire, 1997; Charlot, 2000; Montandon et al, 2001; Nogueira et al 2003; Thin, 2006; Diogo, 2007 e 2008). Demonstram, aliás,

que a esmagadora maioria dos pais portugueses, independentemente da origem social, deseja que os seus filhos frequentem um curso superior e venham a possuir um diploma (Diogo, 2007; Sebastião, 2007/08). De acordo com os resultados do estudo de Diogo (2007), o tópico das *escolhas escolares* não só faz parte integrante do quotidiano da maioria das famílias portuguesas como, inclusivamente, é o tema mais abordado nas frequentes conversas que são desenvolvidas "sobre o que acontece na escola" (Diogo, 2007, p.96).

Compreende-se, por isso, que a influência dos diferentes membros familiares nas escolhas dos estudantes surja reforçada nos resultados que obtivemos na nossa pesquisa qualitativa.

De facto, na maioria das entrevistas, os jovens salientaram o relevante papel dos elementos que compõem o seu agregado familiar - mãe, pai e irmãos - na orientação as suas escolhas académicas. No caso concreto dos alunos que provêm dos estratos socioculturais e económicos mais favorecidos, os pais parecem mesmo desempenhar o papel de verdadeiras fontes de *persuasão* ainda que, em termos retóricos, os jovens raramente reconheçam a sua interferência directa nas suas escolhas⁴:

"Desde pequeno, sempre quis ser veterinário, e sempre tive esse sonho...e foi basicamente isso, tentar alcançar um curso superior, não tanto pelos meus pais porque...também pelos meus pais, mas mais por êxito pessoal e tentar ser mais alguém na vida. (...) a minha mãe também é médica e sempre me tentaram puxar só que sempre preferi os animais..." (Estudante do 12º ano, quer ser veterinário. Pai advogado; Mãe médica).

A grande influência que pais com mais recursos culturais exercem no processo de construção vocacional dos estudantes - verificada por Faria (2008) e Diogo (2008) nas suas pesquisas - é também salientada pelos orientadores vocacionais que entrevistámos:

⁴ A tendência revelada por vários jovens para assumirem discursivamente as suas opções como produto de um "interesse pessoal" adquirido de forma totalmente *livre e autónoma* foi igualmente constatada por Faria (2008).

"Nos miúdos cujos pais não têm grandes habilitações, eu suponho que a escolha é mais feita pelos miúdos do que pelos Encarregados de Educação. Dos alunos cujos pais têm cursos médios ou superiores, eu suponho que a opinião dos pais é fundamental na escolha das opções dos filhos". (Orientador vocacional da Escola B).

Se os "outros familiares" (tios, avós, primos) e os irmãos são apontados por muitos dos entrevistados como referências bastante importantes para o seu processo de decisão é junto dos estudantes que são socializados em meios geográficos e socioculturais mais desfavorecidos que estes membros da família parecem ser particularmente influentes. Nestes casos, parecem funcionar como «substitutos» dos pais, porque possuem mais conhecimentos e/ou experiência sobre os cursos e/ou saídas profissionais que consideram mais adequadas para os jovens em causa.

Como uma aluna reconhece:

"Sim, sempre, muitas vezes os meus avós perguntavam o que é que eu queria seguir. Até um tio meu que era professor de desenho e ele próprio às vezes dizia-me 'olha tens que fazer isto e aquilo'. Ia-me indicando coisas que me podiam ajudar a seguir" (Aluna do 10º ano; quer tirar arquitectura; pai não responde; mãe - informática).

Outra estudante também afirma:

"Desde o 9º ano que dizia que queria ir para ciências, depois queria tirar engenharia e a minha irmã apoiou-me.

Mas então a tua irmã é mais velha?

Sim, e já está formada.

Na mesma área?

Sim, e já e também andou nesta escola e também tinha passado por aquilo que eu estou a passar e aconselhou, ela disse que era um bocado difícil mas com estudo, ia lá" (Aluna do 10º; Escolheu Ciências e quer estudar engenharia civil ou engenharia de saúde e higiene no trabalho ou engenharia bioquímica. Pai - não responde; Mãe - 4º ano de escolaridade; empregada doméstica).

Na verdade, as entrevistas permitiram-nos confirmar o que muitas pesquisas têm vindo a salientar: nem todas as famílias se encontram nas mesmas condições para desenvolver estratégias que permitam aos seus descendentes aceder aos

cursos e profissões mais rentáveis socioeconomicamente. Enquanto umas - as da classe média urbana e com mais recursos culturais - possuem competências e recursos para agir sobre as dificuldades de aprendizagem e sobre o contexto escolar, (conseguindo controlar, por exemplo, a escolha da escola, das turmas e dos professores ou garantir explicadores e/ou outras actividades extra-curriculares que contribuem para o sucesso escolar dos filhos), outras não saberão como desenvolver um trabalho persistente e sistemático na orientação dos filhos para percursos escolares prolongados e qualificantes (Boyer e Delclaux, 1995; Vieira, 2005; Sebastião, 2007/08).

Será, portanto, nestas últimas situações, que os irmãos e os outros familiares, bem como os orientadores vocacionais e/ou os professores, os amigos e a internet desempenharão um papel particular nas orientações escolares dos jovens.

Um dos orientadores profissionais entrevistados - que trabalha numa escola frequentada maioritariamente por um público escolar, cultural e economicamente desfavorecido - salientou a relevância da acção dos psicólogos escolares/orientadores vocacionais e dos professores nas decisões de muitos jovens, comprovando que a escola cumpre uma importante função de orientação escolar e profissional, tanto mais relevante quanto menor é o apoio dos pais neste processo:

"Na semana da Escola, em Maio, eu convido os pais para falar não só em termos da oferta que existe no mercado escolar e profissional, mas também para lhes falar pontualmente acerca de cada um dos jovens. Se eu vos disser que o ano passado das duas turmas, eu tive 3 pais, duas mães e um pai. É muito pouca a participação dos encarregados de educação no processo de escolhas. Ou seja, o director de turma efectivamente é uma pessoa que está presente. Depois temos o psicólogo e temos os amigos do jovem. São estes os factores decisivos" (Orientador vocacional da Escola A).

Para além do papel da escola, este entrevistado mencionou o lugar significativo desempenhado pelos grupos de pares no processo de (re)orientação profissional tomada pelos jovens. De facto, companheiros indissociáveis do

quotidiano escolar dos alunos, os amigos também são úteis para se obter informações e partilhar opiniões, dúvidas e angústias sobre o melhor caminho escolar e profissional a seguir, mas, de acordo com os resultados do nosso questionário, só para uma parte dos inquiridos terão sido realmente importantes. A avaliar pelas entrevistas aos estudantes, esta importância será tanto maior quanto mais estes se sentem inseguros em relação ao caminho a seguir, em grande medida devido à ausência de outras fontes de informação:

"Ciências Políticas, talvez fosse essa área que eu gostaria de seguir. Esse gosto apareceu mesmo em conversação com os meus colegas da escola, foram eles que me informaram" (Aluno do 12º ano de Humanidades. Indeciso relativamente ao curso que pretende tirar. Pai - 6º ano de escolaridade; Trabalhador da construção civil; Mãe - 12º de escolaridade; Funcionária Pública).

Para além do peso dos pares nas escolhas escolares e profissionais dos estudantes, os orientadores vocacionais entrevistados referiram-se à internet quer como uma importante fonte informativa utilizada pelos alunos para ficarem a conhecer os cursos que têm mais saídas profissionais ou novas profissões (como, por exemplo, "técnicos de energias renováveis") como um relevante meio que os ajuda a (des)construir possíveis opções profissionais:

"Eu sugiro que eles vão à Internet procurar informação sobre as profissões. Querem uma profissão, têm de ver vídeos do IEFP com as profissões difíceis de visitar. E afinal às vezes eles depois percebem que não é aquilo, não era aquela ideia que tinham da profissão e afinal já não querem aquilo" (Orientador vocacional da Escola A).

Para além de uma útil fonte de informação - alimentada pelas escolas, universidades e outros organismos estatais e privados através de diversos *sites* - a internet constitui também uma *plataforma de intercomunicação pessoal* na qual os jovens podem disseminar e partilhar com os seus pares as suas convicções, gostos e valores sobre diversas opções escolares e actividades profissionais. Assim, a influência dos pares poderá, inclusivamente, fazer-se sentir através da própria internet, nas interacções sociais que os jovens realizam habitualmente *on line*. De

facto, a internet é bastante utilizada pelos jovens como um recurso lúdico que lhes permite experienciar novas formas de sociabilidades e reforçar laços de amizade e solidariedade já existentes (Almeida *et al*, 2008, p. 151; Ponte *et al*, 2008, p.62). Sendo o «ofício de aluno» (Perrenoud, 1995) uma condição comum à esmagadora maioria dos jovens que navegam na internet (Almeida *et al*, 2008; Ponte *et al*, 2008), parece-nos razoável admitir que estes, através dos *chats* cibernéticos, dialoguem entre si sobre muitas questões relacionadas com o seu quotidiano escolar, entre as quais poderão constar as relativas às escolhas de curso/profissões que têm de realizar no 9º ano e no 12º ano de escolaridade.

Este facto poderá ajudar a explicar porque motivo a internet foi considerada por muitos jovens como um meio informativo bastante importante, quer nos questionários, quer nas entrevistas. Dos 24 jovens entrevistados, metade referiu explicitamente que utiliza a internet para se informar sobre os cursos leccionados em determinadas universidades, médias de entrada em vigor e/ou saídas profissionais lhes estão associadas. Entre os *media* é, portanto, a internet a fonte que mais peso detém nos processos informativos desenvolvidos pelos alunos para (re)definirem os seus processos de escolha.

A importância crescente que a internet detém nas práticas comunicacionais das gerações mais novas (Cardoso, *et al*, 2005; Ponte, *et al*, 2008; Almeida *et al*, 2008), permite-nos perceber a preponderância desta nova tecnologia relativamente aos meios de comunicação tradicionais. No entanto, também estes, nomeadamente os jornais, são identificados nas entrevistas como meios que possuem sobretudo uma função informativa de *complemento* ao leque de conhecimentos detidos pelos alunos sobre cursos, classificações e/ou saídas profissionais. Podem, assim, contribuir para a identificação de algumas escolhas escolares inicialmente não consideradas, quando transmitem novas informações *coincidentes* com as percepções e os interesses genéricos que os estudantes já possuíam:

P. "*Esse interesse pelas energias renováveis surgiu como?*

R. "(...) *Sempre foi uma coisa que gostei porque anula o facto de a tecnologia estragar o ambiente, pois a tecnologia até hoje tem uma parte que estraga o ambiente e polui e isso a mim não me agrada muito. As energias renováveis é uma forma limpa de obter energia e isso agrada-me totalmente. (...) Veio um anúncio no jornal, no Metro, aquele jornal diário e como tinha interesse, procurei o site, obtive informações, marquei entrevista e deixei-me levar por isso"* (Aluno do 10º; está a tirar um curso técnico-profissional na área de energias renováveis; Pai - 12º ano de escolaridade; Desenhador da Construção civil; Mãe - 11º ano de escolaridade; Recepcionista/Telefonista).

Porém, enquanto os jornais aparecem como um meio que é consultado para se «estar a par» das notícias, podendo quase «casualmente» fornecer informações úteis alusivas a cursos e/ou profissões, a internet aparece associada a uma procura activa e consciente de informação. Ainda assim, ambos os meios parecem essencialmente destinados a (re)confirmar ou a «afinar» escolhas previamente formadas, uma vez que as crenças, as expectativas e os interesses pessoais que os estudantes já possuíam sobre determinadas questões parecem constituir um importante filtro relativamente aos efeitos destes *media*:

"[Pretendo entrar para] o Técnico de Lisboa da UL, os alunos que são formados lá têm mais hipótese de ter emprego... é uma Universidade excelente que forma excelentes alunos.

Em que é que baseaste a tua informação a comparar as diferentes Universidades?

Vi estudos na internet a informar que a percentagem de alunos que saiam do Técnico tinham emprego no ano a seguir, enquanto noutras Universidades não ... para mim foi o mais importante" (Aluno do 10º; Pretende tirar um curso de Ciências. Pai Arquitecto; Mãe não responde).

A televisão, por seu lado, poderia constituir um meio de (in)formação importante, quer por difundir determinadas representações sobre algumas profissões, quer por dar a conhecer novas saídas profissionais com as quais os jovens não contactam no seu quotidiano, como é o caso dos criminologistas a que a notícia apresentada no início deste artigo se referia.

Todavia, ao nível discursivo, os estudantes parecem associar a televisão a uma prática de entretenimento denotando-se, inclusivamente, um tom depreciativo

aliado a uma certa «vergonha cultural» quando equacionam a hipótese de a televisão ter influência na construção dos seus trajectos profissionais:

(...) Quando uma pessoa diz que vai para Direito, as pessoas "Ah, tu estás a pensar isso porque vês o CSI e essas coisas todas... (Aluno do 12º ano - quer seguir direito - pai advogado e mãe jurista).

Será esta a principal razão pela qual somente um número muito reduzido de estudantes (68 em 1793) reconheceu, no inquérito, ter sido **"na escolha do curso, foi muito influenciado(a) por uma série televisiva que viu sobre profissionais da área"**?

Não sabemos se entre estes 68 inquiridos se encontram alguns dos que são mencionados no relato noticioso do DN, mas, não por acaso, entre as profissões que estes jovens pretendem seguir encontram-se os criminologistas, os psicólogos criminais, os médicos legistas, os arqueólogos, os advogados e os futebolistas.

A «vergonha cultural», eventualmente associada ao sentimento de que o futuro é demasiado importante para ser determinado pela televisão, constitui um factor que poderá contribuir para que muitos jovens menosprezem a influência deste *media* nas suas atitudes:

"(...) depende muito dos programas de televisão, por exemplo, eu queria ser jornalista mas ... se calhar começou com a ideia de um programa de televisão que era os jornalistas ou uma coisa deste género ... (Estudante do 12º ano - pai advogado; mãe médica).

O facto de apenas um jovem entrevistado considerar que *"se calhar"* os programas televisivos têm uma função formativa no processo de estruturação das suas opções académicas e profissionais poderá estar relacionado com as atitudes alimentadas pelos jovens e suas famílias relativamente à televisão. Na verdade, enquanto a internet é considerada como um importante meio complementar ao trabalho escolar, que poderá favorecer a «pró-actividade» ao revelar-se intelectualmente estimulante e criativa (Ponte *et al*, 2008; Almeida *et al*, 2008), a televisão é vista sobretudo como um entretenimento que concorre com as

actividades de estudo e que prejudica o trabalho intelectual, na medida em que pode gerar passividade, conformismo e apatia (Seixas, 1997).

Por outro lado, a necessidade de projectarem uma imagem positiva de si que passa pela afirmação da capacidade de determinação individual do seu futuro, também impedirá os jovens entrevistados de admitir a interferência dos *media* nas suas decisões. Tal como, aliás, os leva a recusar a influência de outros agentes de socialização, como a família e o grupo de pares. Este forte desejo de valorização da sua autonomia e autenticidade foi também muito visível nos resultados obtidos por Ricciardelli, McCabe & Banfield: a maioria dos adolescentes inquiridos considerou que a família (mãe, pai e irmãos), os amigos e os *media* "não influenciava nada" o cuidado que tinham com o corpo e a imagem (sublinhados nossos, 2000, p.193).

Mas, para além disso, o julgamento dos jovens a respeito da influência das séries televisivas também parece ser bastante filtrado pelo próprio papel de *mediadores* que a família e os pares desempenham relativamente às representações difundidas pelos *media* sobre determinadas saídas profissionais:

"Toda a gente quer ir para Jornalismo, está um bocado na moda, depois há Direito, que tem imensas opções. O meu pai é advogado e a minha mãe tem o curso de Direito. Dizem que em Portugal o Direito é super-aborrecido, não é nada como se vê nas séries televisivas, mas não é bem assim...há a parte menos atractiva, que é a parte da secretária, mas existe também essa parte de tribunal. (...) mas eu felizmente sei porque o meu pai é advogado e diz que tem coisas menos boas mas que também tem coisas muito giras e atractivas" (Aluno do 12º ano - quer seguir direito - pai advogado e mãe jurista).

Ainda assim, a influência dos *media* foi reconhecida por alguns orientadores profissionais entrevistados:

"Há alguma importância dos media, nas profissões que têm mais visibilidade...por exemplo [nos que querem ser] jogadores de futebol, actores e atrizes" (Orientador vocacional da Escola A);

"As profissões que eles desejam têm mais a ver com um certo prestígio associado ao estatuto. Ou então questões idealistas, ... e isso também é capaz de ter a ver com as informações dos media. De repente, eu tinha imensas raparigas, imensas, que queriam ir para biólogas, ora nós temos um Zoomarine [no Algarve] que

aparece na televisão e mostra aquelas coisas interessantíssimas que se fazem com os animais ... E elas percebem que quem alimenta os animais são biólogos e já não é o tratador tradicional do Jardim Zoológico, é alguém que precisa [de um curso superior] penso que sim, que há aí alguma influência.” (Orientador vocacional da Escola C).

Resta saber se ao longo do seu percurso escolar estas jovens obtiveram resultados que lhes permitiram realizar os seus sonhos. Na verdade, os *media* poderão ser responsáveis pela construção de expectativas desadequadas às possibilidades *objectivas* de prosseguimento de estudos destes alunos. Como um orientador salientou:

“[os estudantes] têm uma ideia irrealista das profissões (...) e por vezes têm de ajustar as escolhas e as expectativas: do querer ser jogador de futebol até acabar por se inscrever no atletismo...” (Orientador vocacional da Escola A).

Ora, essa “*ideia irrealista das profissões*” que alguns jovens constroem pode justamente ser provocada pelo tipo de valores e modelos profissionais veiculados pelos *media*. Basta pensarmos nas representações difundidas pelas séries televisivas muito populares junto das gerações mais novas (transmitidas através dos canais televisivos portugueses e de canais da TV por cabo como a Fox, a Fox Life e o AXN), que se centram no quotidiano de determinadas profissões - advogados, médicos, detectives ou investigadores criminais - e sobre elas difundem um conjunto de estereótipos que não traduzem fidedignamente o dia-a-dia dos actores sociais que as exercem na «vida real».

O modelo dominante produzido nessas séries corresponde, em regra, ao de indivíduos bem sucedidos e bem remunerados, bonitos e jovens, que vivem intensamente profissões que escapam à rotina e à monotonia de um trabalho sedentário e burocrático. O trabalho académico e o esforço quotidiano que os indivíduos têm de desenvolver, quer para aceder a essas profissões, quer para nela se manterem, os insucessos que mesmo assim podem ocorrer, as remunerações desiguais entre chefias e trabalhadores da «base», as desavenças e injustiças que poderão marcar os ambientes de trabalho, para além de todas as questões

rotineiras inerentes a qualquer actividade profissional são ocultadas, sendo antes enaltecidas as sensações de prazer e de bem-estar - a «adrenalina» - que o exercício daquelas actividades poderá provocar.

O facto de serem apenas estas profissões - e não outras - que intensivamente têm sido tematizadas e serem estas - e não outras - as representações que sobre elas são construídas, poderá precisamente justificar o facto de alguns jovens optarem por estas saídas profissionais, como é o caso de alguns dos nossos inquiridos e dos jovens mencionados no relato noticioso que inicialmente apresentámos.

Como dissemos, ainda que não apareçam retratados de forma evidente, os pré-requisitos de acesso a estas profissões implicam, em termos práticos, o desenvolvimento de percursos escolares prolongados e muito bem sucedidos que se encontram associados, em regra, a condições socioculturais e económicas favorecidas. E esta é uma outra razão que, por fim, poderá estar subjacente ao facto de os *media*, nomeadamente a TV, não serem assumidos como fontes de informação relevantes por muitos dos jovens inquiridos.

Mesmo que os estudantes se sentissem aliciados a seguirem aquelas profissões e o pretendessem fazer, poderão intuir que não possuem os recursos socioculturais, económicos e escolares que servem como «caução» para concretizarem os seus desejos. Nesta ordem de ideias, o contexto económico e sociocultural e a qualidade das trajectórias escolares poderão constituir também importantes *filtros* dos efeitos dos *media* nos processos de escolhas escolares e profissionais. Esta parece-nos ser uma prometedora hipótese de trabalho que valeria a pena comprovar empiricamente em futuras investigações.

Em Síntese

Os dados desta investigação levam-nos a considerar que a influência dos *media* é *mediada e amenizada* por outras redes informativas de apoio a que os

estudantes recorrem. No caso dos estudantes que integram os grupos sociais cultural e económica privilegiados, a família, muito concretamente a mãe, desempenha um papel muito relevante no seu processo de escolha do futuro escolar e profissional.

No caso dos jovens que não dispõem do apoio das «bússolas parentais», em grande medida porque os seus pais não possuem recursos culturais que lhes permitam exercer essa função, os irmãos ou os «outros familiares», bem como o grupo de pares ou a escola constituem quadros de referência importantes e bastante seguidos.

Mais do que fontes «alternativas», os novos *media* e os tradicionais parecem sobretudo desempenhar o papel de meios (in)formativos *complementares* aos outros apoios a que os estudantes recorrem. A sua intervenção parece fazer-se sentir essencialmente ao nível da *consolidação* ou *reorientação* de interesses e projectos de vida *pré-construídos*. Ainda assim, a internet é muito mais activamente procurada e utilizada pelos jovens do que os jornais e a televisão.

O reduzido estatuto conferido pelos estudantes a esta última enquanto meio capaz de condicionar os seus processos de escolha poderá dever-se: a) à tendência revelada pelos jovens para assumirem discursivamente as suas opções como produto de um "interesse pessoal" adquirido de forma totalmente *livre e autónoma* b) a uma certa «vergonha cultural» associada ao facto de a TV ser comumente vista como um «entretenimento menor» e c), às próprias condições objectivas de existência dos estudantes, entre as quais se contam percursos escolares problemáticos, incompatíveis com os modelos profissionais «de sonho» que em regra são mediatizados. Necessitada de uma inequívoca sustentação empírica, a hipótese de os efeitos dos *media* serem filtrados pelas próprias representações que os receptores sobre eles constroem, parece-nos justificar a realização de futuras pesquisas nesta área.

BIBLIOGRAFIA

ABRANTES, José Carlos & DAYAN, Daniel (Orgs). *Televisão: Das Audiências aos Públicos*. Lisboa, Livros Horizonte/CIMJ, 2006.

ALMEIDA, Ana Nunes (Coord.). *Crianças e Internet: Usos e Representações, A família e a Escola. Relatório do Inquérito (policopiado)*, 2008.

BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. *The social construction of reality*. New York, Doubleday, 1966.

BOYER, Régine e DELCLAUX, Monique. *Des familles face au Collège*. Paris, INRP, 1995.

BUCKINGHAM, David. *Crescer en la era de los médios electrónicos*. Madrid, Ediciones Morata, 2002.

CARDOSO, Gustavo; COSTA, António Firmino da; CONCEIÇÃO, Cristina Palma; GOMES, Maria do Carmo (Orgs.) *A Sociedade em Rede em Portugal*. Porto, Campo das Letras, 2005.

CARDOSO, Gustavo (Coord.). *E-Generation: Os Usos de Media pelas Crianças e Jovens em Portugal*. Lisboa, CIES-ISCTE, 2007.

CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber. Elementos para uma teoria*. Porto Alegre, Artmed, 2000.

CHARLOT, Bernard; ROCHEX, Jean-Yves. *L'enfant-élève: dynamiques familiales et expérience scolaire*. Montreal, *Lien Social et Politiques - RIAC*, 1996, n. 35, p. 137-151.

COLLING, Leandro. *Agenda-setting e framing: reafirmando os efeitos limitados*. Porto Alegre, *Revista FAMECOS*, 2001, nº 14, p.88-101.

DIOGO, Ana Matias. *Pais alheados, alunos indisciplinados?* In: CALDEIRA, Suzana Nunes (Org.) *Desordem na escola: mitos e realidades*. Coimbra, Quarteto, p.85-104, 2007.

DIOGO, Ana Matias. *Investimento das Famílias na Escola. Dinâmicas Familiares e Contexto Escolar Local*. Oeiras, Celta Editora, 2008.

FARIA, Susana. 9º Ano: E Agora? Um Olhar Sociológico sobre o Processo de Decisão à Saída do Ensino Básico. In Actas do VI Congresso Português de Sociologia (edição em CD room), p. 3-13, 2008.

FELT, Ulrich. A Adaptação do Conhecimento científico ao Espaço Público. In GONÇALVES Maria Eduarda (Org.), Cultura Científica e Participação Pública, Oeiras, Celta Editora, p. 265-289, 2000.

FERNANDES, António Teixeira. Estudantes do Ensino Superior no Porto. Representações e Práticas Culturais. Porto, Edições Afrontamento e Porto 2001, 2001.

FERREIRA, Eduardo V; NOGUEIRA, Susana S & PAULETA, Ramiro E. Efeitos de imagens violentas sobre o desenvolvimento de comportamentos violentos: um estudo experimental. In ESTRELA, Albano; FERREIRA Júlia (Org.) Violência e Indisciplina na Escola. XI Colóquio AFIRSE. Lisboa, FPCE/U.Lisboa, p. 329-338, 2002.

HALL, Stuart. Encoding/decoding. In HALL, Stuart, HOBSON, Doroty, LOWE, D e WILLIS, Paul (Orgs). Culture, media, language. London/New York, Routledge/CCCS, p. 128-138, 1980.

HEINBURG, Leslie & THOMPSON, J. Kevin. The media's influence on body image disturbance and eating disorders: We've reviled them, now can we rehabilitate them? Journal of Social Issues, 1999, nº 55 (2), p. 339-353.

KLAPPER, Joseph T. The effects of mass communication. New York, Free Press, 1960.

LAHIRE, Bernard. Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável. São Paulo, Editora Ática, 1997.

LAHIRE, Bernard. Patrimónios individuais de disposições: para uma sociologia à escala individual. Lisboa, Sociologia - Problemas e Práticas, 2005, nº 49, p.11-42.

LAZARSELD, Paul F.; BERELSON, Bernard; GAUDET, Hazel. *The People's Choice: How the Voter Makes Up His Mind in a Presidential Campaign*. New York, Duell, Sloan and Pearce, 1944.

LAZARSELD, Paul F. & KATZ, Elihu. *Personal Influence: The Part Played by People in the Flow of Mass Communication*. New York, Free Press, 1955.

LOPES, João Teixeira. *A Cidade e a Cultura. Um estudo sobre práticas culturais urbanas*. Porto, Edições Afrontamento/Câmara Municipal do Porto, 2000.

MANN, Cris. The Impact of working-class mother on the educational success of their adolescent daughters at a time of social change. *British Journal of Sociology of Education*, 1998, 19:2, p. 211-226.

MELO, M. Benedita Portugal. *Os Professores do Ensino Secundário e os Rankings Escolares: Reflexos da Reflexividade Mediatizada*. V. Nova de Gaia, Fundação Manuel Leão, 2009.

MCCOMBS, Maxwell E. and SHAW, Donald L. The agenda-setting function of mass media". *Public Opinion Quarterly*, 1972, Vol. 36, nº 2, p. 176-187.

MCQUAIL, Denis. *Teoria da comunicação de massas*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

MONTANDON, Cléopâtre; PERRENOUD, Philippe. *Entre Pais e Professores, Um Diálogo Impossível?*, Oeiras, Celta Editora, 2001.

MOORE, Roy & STEPHENS, Lowndes. Some communication and demographic determinants of adolescent consumer learning. *Journal of Consumer Research*, 1975, 2 (2), p. 80-95.

MORLEY, David. Texts, readers, subjects. In HALL, Stuart, HOBSON, Doroty, LOWE, D e WILLIS, Paul (Orgs) *Culture, media, language*. London/New York, Routledge/CCCS, p.128-138, 1980 [1977-78].

MORLEY, David. *The Nationwide audience*. London, British Film Institute, 1980.

MOSCHIS, George & CHURCHILL, Gilbert. Consumer socialization: a theoretical and empirical analysis. *Journal of Marketing Research*. 1978, 15 (4), p. 599-609.

NOELLE-NEUMANN, Elisabeth. Os Efeitos de Meios de Comunicação Na Pesquisa Sobre os Seus Efeitos. in ESTEVES, João Pissarra (Org.), *Comunicação e Sociedade - Os efeitos sociais dos meios de comunicação de massa*, Lisboa, Livros Horizonte, p. 151-159, 2002.

NOGUEIRA, Maria Alice, ROMANELLI, Geraldo; Zago, Nadir (Org.) *Família e escola. Trajetórias de escolarização em camadas populares e médias*. Petrópolis, Vozes, 2.ed. 2003.

PAIS, José Machado, *Juventude Portuguesa. Situações. Problemas. Aspirações. V Uso do Tempo e Espaços de Lazer*. Lisboa, I.C.S./Instituto da Juventude, 1989.

PAIS, José Machado (Coord.). *Práticas Culturais dos Lisboetas*. Lisboa, I.C.S./Instituto da Juventude, 1994.

PERRENOUD, Philippe. *Ofício de Aluno e Sentido do Trabalho Escolar*. Porto, Porto Editora, 1995.

PETRIE, Jessica Taisey & HOLLOWY, Susan D. Mothers' Representations of the Role of Parents and Preschools in Promoting Children's Development. *Early Childhood Research & Practice*, 2006, volume 8, nº 2, p. 1-14.

PINTO, Manuel. *A televisão no quotidiano das crianças*. Porto, Edições Afrontamento, 2000.

PONTE, Cristina and MALHO, Maria João. *Crianças e Jovens*. IN REBELO, José (Org) *Públicos de Comunicação Social em Portugal*. Lisboa, Entidade Reguladora da Comunicação, p. 121-202, 2008.

REAY, D. Engendering social reproduction: mothers in the educational marketplace, *British Journal of Sociology of Education*, 1998, 19 (2), p.195-209

RICCIARDELLI, Lina A; MCCABE Marita P & BANFIELF, Sophie. Body image and body change methods in adolescent boys. Role of the parents, friends and the media. *Journal of Psychosomatic Research*, 2000, nº 49, p. 189-197.

ROBERTS, Donald F. Media and youth: access; exposure, and privatization. *Journal of Adolescent Health*, 2000, vol. 27, Issue 2; Supplement 1, p. 8-14.

ROE, Keith. Adolescent's media use: a European view. *Journal of Adolescent Health*, 2000, vol. 27, Issue 2; Supplement 1, p. 15-21.

SAPERAS, Enric. *Os efeitos cognitivos da comunicação de massas*, Porto, Edições ASA, 1993.

SCHIMDT, Luísa. *Ambiente e Natureza no Écran: emissões televisivas, remissões culturais*, Lisboa, ISCTE, (Dissertação de Doutoramento), policopiado, 1999.

SEBASTIÃO, João. *Família, Estratégias e Percursos Educativos*. Porto, *Sociologia*. 2007/2008, Série I, Vol. 17/18. p. 281-306.

SEIXAS, M. José Metello de. «Mesmo Nos Concursos A Gente Aprende Coisas». *Televisão e Escola - um conflito de universos e discursos*. Porto, *Educação, Sociedade e Culturas*, 1997, nº 8, p. 21-43.

SILVA, Pedro. *Escola-Família, Uma Relação Armadilhada: Interculturalidade e Relações de Poder*. Porto, Afrontamento, 2003.

TRAQUINA, Nelson. O paradigma do 'agenda-setting' - redescoberta do poder do jornalismo. Lisboa, *Revista de Comunicação e Linguagens*, 1995, nº21-22, p.189-221.

TERRAIL, Jean-Pierre. *Destins ouvriers: la fin d'une classe?* Paris, Presses Universitaires de France, 1990.

THIN, Daniel. Para uma análise das relações entre famílias populares e escola: confrontação entre lógicas socializadoras. Belo Horizonte - MG, *Revista Brasileira de Educação*, ANPED, 2006, v. 11, n.32, p. 211-225.

VAN DIJK, Teun A. *Discurso, Notícia e Ideologia - Estudos na Análise Crítica do Discurso*, Porto, Campo das Letras, 2005.

VIANA, Maria José Braga. *Novas abordagens da escolarização das camadas populares: uma revisão de estudos recentes acerca de trajetórias escolares de sucesso*. São João del-Rei, UFSJ, *Vertentes*, 1996, n. 7. p. 82-93.

VIEIRA, Maria Manuel. *O lugar do trabalho escolar - entre o trabalho e o lazer?* Lisboa, *Análise Social*, 2005, Nº 176, p. 519-545.

WOLF, Mauro. *Teorias da Comunicação*. Lisboa, Editorial Presença, 1995.